

CAMILA LIMA E SILVA DE CARVALHO

## **POR UMA MICROGEOGRAFIA DA FAVELA**

**- Uma comparação entre o Complexo do Alemão e o Complexo da Maré -**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Professora Doutora Maria Julieta Nunes de Souza

Rio de Janeiro  
2015

*Dedico este trabalho a Carolina Maria de Jesus, pela sua resistência como escritora, mulher, negra e favelada.*

[...] as oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de *viludos*, almofadas de *sitim*. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

(JESUS, 1960)

## RESUMO

No Brasil, as favelas – ou "aglomerados subnormais", segundo a nomenclatura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – são vistas, geralmente, como bolsões homogêneos de pobreza e baixa qualidade de vida. De fato, é isso o que mostra um olhar “panorâmico” sobre as cidades. No entanto, quando empregamos o conceito de escala como estratégia de problematização e representação do real, outros níveis e dimensões das favelas podem ser explorados. Na microescala, as favelas revelam-se como espaços geográficos em seus próprios termos, ou seja, como mosaicos estruturados pela dinâmica socioeconômica e pelas condições físicas do terreno. Seguindo essas sugestões, nosso objetivo foi realizar uma comparação entre dois complexos de favelas localizados na Zona Norte do Rio de Janeiro - Complexo do Alemão e Complexo da Maré - buscando compreender sua estratificação socioespacial interna. Utilizamos os dados do IBGE ao nível do setor censitário, isto é, a unidade básica de levantamento de dados. Classificamos e mapeamos os dados de infraestrutura, renda e densidade demográfica. Este mapeamento permitiu observar não somente o quão diferentes entre si são os dois complexos de favelas, mas nos mostrou diferenciações dentro dos próprios limites da favela, principalmente no que se refere à renda mensal dos domicílios.

Palavras-chave: favela; estratificação socioespacial; Complexo do Alemão; Complexo da Maré.

## ABSTRACT

In Brazil, the *favelas* – or "aglomerados subnormais" [substandard settlements] according to the terminology of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) – are generally seen as homogeneous pockets of poverty and low quality of life. Indeed, that's what a synoptic view on the city effectively shows. However, other levels and dimensions of the phenomenon are revealed when we use the geographic scale as research strategy and analytical tool. Observed on the microscale, the Brazilian *favelas* emerge as geographical spaces on their own terms, i.e. as mosaics structured by socioeconomic dynamics and physical conditions (topography). Following this hypothesis, our goal was to compare two complex of *favelas* located in the North Zone of the city of Rio de Janeiro – Alemão Complex and Maré Complex –, trying to understand their internal socio-spatial differentiation. We use IBGE data at the level of the "setor censitário" [census tract], i.e. the basic unit for data collection. We classified and mapped data on infrastructure, income and population density. This mapping allowed us to see not only how different are the two complexes from each other, but also how internally different are both complexes taken separately, especially as to monthly household income.

**Keywords:** *favelas*; Rio de Janeiro; socio-spatial differentiation; Complexo do Alemão; Complexo da Maré.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeiras favelas do Rio.....	11
Figura 2 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com e sem rendimento) para o município do Rio de Janeiro.....	15
Figura 3 - Mapa de caracterização do Complexo do Alemão.....	18
Figura 4 - Mapa de caracterização do Complexo da Maré.....	22
Figura 5 - Mapa de densidade demográfica do Complexo do Alemão.....	25
Figura 6 - Mapa da cobertura do solo do Complexo do Alemão.....	26
Figura 7 - Foto do comércio da Rua Nova Brasília.....	26
Figura 8 - Mapa de densidade demográfica do Complexo da Maré.....	28
Figura 9 - Mapa da cobertura do solo do Complexo da Maré.....	28
Figura 10 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com e sem rendimento) para o Complexo do Alemão.....	30
Figura 11 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com e sem rendimento) para o Complexo da Maré.....	31
Figura 12 - Domicílios particulares permanentes com banheiro de uso exclusivo dos moradores ou sanitário e esgotamento sanitário via rede geral de esgoto ou pluvial do Complexo do Alemão.....	32
Figura 13 - Domicílios particulares permanentes com lixo coletado do Complexo do Alemão.....	33
Figura 14 - Domicílios particulares permanentes com lixo coletado pelo serviço de limpeza do Complexo do Alemão.....	34
Figura 15 - Domicílios particulares permanentes com energia elétrica de companhia distribuidora do Complexo do Alemão.....	35
Figura 16 - Domicílios particulares permanentes com banheiro de uso exclusivo dos moradores ou sanitário e esgotamento sanitário via rede geral de esgoto ou pluvial do Complexo da Maré.....	36
Figura 17 - Domicílios particulares permanentes com lixo coletado pelo serviço de limpeza no Complexo da Maré.....	37

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 AS FAVELAS CARIOCAS</b> .....	10
<b>3 A QUESTÃO DA ESCALA</b> .....	14
<b>4 ÁREA DE ESTUDO</b> .....	17
<b>4.1 Complexo do Alemão</b> .....	17
<b>4.2 Complexo da Maré</b> .....	20
<b>5 ESTRATIFICAÇÃO SOCIOESPACIAL INTERNA</b> .....	25
<b>5.1 Densidade Populacional</b> .....	25
5.1.1 Complexo do Alemão.....	25
5.1.2 Complexo da Maré.....	27
<b>5.2 Rendimento</b> .....	29
5.2.1 Complexo do Alemão.....	29
5.2.2 Complexo da Maré.....	30
<b>5.3 Infraestrutura</b> .....	31
5.3.1 Complexo do Alemão.....	31
5.3.2 Complexo da Maré.....	35
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40

## 1 INTRODUÇÃO

No Rio de Janeiro, como na maioria das cidades brasileiras e do mundo "em desenvolvimento", o uso do solo reflete uma alta desigualdade socioeconômica. O padrão de segregação das camadas mais pobres é bem claro, localizando-se nas periferias e nas favelas, enquanto as camadas mais abastadas localizam-se em áreas que recebem mais infraestruturas, são próximas aos grandes centros, possuem transporte mais eficiente, etc.

No entanto, a cidade do Rio de Janeiro tem uma peculiaridade importante: algumas favelas localizam-se em morros muito próximos a prédios de alto padrão e áreas nobres. Em certa medida, o sítio urbano - a geografia física - propiciou essa mistura. A topografia acidentada permitiu a ocupação desses morros por camadas mais pobres - já que não interessava ao setor imobiliário na época. Esta distribuição geográfica das favelas no Rio de Janeiro contraria inclusive o padrão da América Latina, como descrito pelos geógrafos O'Hare e Barke,

As favelas do Rio de Janeiro podem ser encontradas em vários locais, como as de Salvador, mas ao contrário, por exemplo, das de São Paulo. No Rio (como em Salvador) muitas favelas localizam-se nas encostas perto da cidade (...). Conseqüentemente, as favelas do Rio não estão em conformidade com os modelos postuladas por Griffin e Ford que sugerem que a maioria das favelas são encontradas na periferia das áreas urbanas. (O'HARE e BARKE, 2003; p.229 ). (Tradução livre).

Não se pode ignorar, no entanto, a pobreza que existe nas áreas periféricas na cidade e no estado do Rio de Janeiro, nem isolar a geomorfologia como principal fator de resistência das favelas em meio às áreas nobres da cidade.

No Rio de Janeiro, a partir da década de 1930, as favelas foram crescendo e formaram complexos de favelas, que hoje tem uma marca muito forte no território. Pela necessidade de se estar próximo ao local de trabalho, as favelas cariocas acabaram se cristalizando em meio aos bairros de classe média, para suprir uma demanda de mão de obra para as camadas poderosas da sociedade.

Portanto, visto pela ótica socioeconômica, o Rio de Janeiro tem seu território definido por áreas mais nobres e áreas mais pobres mescladas nas mesmas - como as favelas que, na escala da cidade, terminam por parecerem homogêneas. No entanto, essas áreas não são pontos adimensionais ou bolsões de pobreza, como são representadas hegemonicamente. Elas possuem uma heterogeneidade interna.

A monografia que se apresenta tem por objetivo estudar esse nível de complexidade a saber, a estratificação socioespacial *no interior* das favelas. Nas palavras de Preteicelle e Valladares,

Vale lembrar que nem todos os pobres são iguais e que é importante reconhecer a existência de desigualdade entre os diferentes espaços da pobreza, sobretudo quando se pensa na desigualdade entre os diferentes espaços sociais e territórios de uma cidade. Em outras palavras, muito embora renda e educação sejam dimensões centrais na diferenciação social, não se deve negligenciar a dimensão espacial da desigualdade que se manifesta pelas diferentes modalidades de segregação socioespacial. (PRETEICELLE e VALLADARES, 1999; p.459)

Hoje, no entanto, qualquer trabalho que se propõe a estudar as favelas da cidade do Rio de Janeiro deve considerar as diversas mudanças que essas áreas vem sofrendo nos últimos anos. As diversas intervenções recentes, centradas principalmente na (re)urbanização, tem produzido mudanças importantes na realidade física e social desses territórios.

Essas intervenções são, muitas vezes, modelos importados de outros países (como o caso do teleférico de Medellin na Colômbia que serviu de modelo para o teleférico do Alemão) ou até produzidos aqui mesmo (como o caso da política de segurança das UPP's - Unidades de Polícia Pacificadoras). Essas políticas e muitas outras tem sido reproduzidas em diversas favelas da cidade sem, muitas vezes, considerarem as especificidades de cada território, como se todas as favelas - por estarem inseridas nessa categoria - fossem naturalmente iguais.

Partindo desta preocupação, é importante mostrar que as favelas não são iguais, nem dentro de seus próprios limites e muito menos quando comparadas entre si. Esta ideia, apesar de parecer óbvia, tem sido ignorada pelo poder público e pela sociedade civil, que tendem a ver as favelas como bolsões de pobreza em meio à cidade "formal". As consequências desse estigma podem legitimar intervenções autoritárias, que são danosas para os moradores de favelas. Portanto, defendemos aqui que as políticas públicas orientadas para as favelas devem incorporar sua diversidade física e social, considerando os moradores cidadãos, habitantes e produtores de espaços geográficos, que demandam serviços e investimentos públicos.

Em outras palavras, compreender a favela como um território socialmente diferenciado, com diversos tipos de moradias e condições de vida - muito longe de

uma área homogeneamente pobre.

Para apresentar essas diferenciações nas favelas, analisamos dados de renda, densidade demográfica e infraestrutura no Complexo do Alemão (doravante CA) e Complexo da Maré (doravante CM) - ambos localizados na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Comparamos as duas áreas tentando mostrar diferenças e semelhanças nos diversos pontos analisados. Apesar dessas duas áreas terem emergido a partir de processos de ocupação completamente diferentes, elas possuem um tamanho parecido (o Complexo da Maré é um pouco maior que o Complexo do Alemão) e são geograficamente próximas uma da outra.

O Complexo do Alemão pode ser considerado um dos bairros mais carentes da cidade e nos últimos anos tem sido alvo de diversos investimentos em infraestrutura empreendidos pelo Estado, como o PAC, a UPP e o Teleférico do Alemão. Trata-se, na verdade, de um bairro que conta com um conjunto de 11 favelas, duas delas (Morro do Adeus e Morro do Piancó) separadas das demais por uma área de ocupação formal. Segundo o último Censo Populacional do IBGE (2010), essas favelas abrigavam, ao todo, 60.583 habitantes, fazendo do CA a quarta maior área favelada da cidade do Rio de Janeiro. A sua densidade demográfica é de pouco mais de 22 mil hab/km<sup>2</sup>, comparável, portanto, com a densidade das maiores cidades globais da atualidade.

A Maré é um bairro formalizado em 1994 através de decreto. O Complexo da Maré é composto por 16 favelas. Segundo o último Censo do IBGE (2010) o bairro possuía população de 129.770 habitantes, sendo a segunda maior área favelada da cidade. Seu processo de ocupação se diferencia do CA pois, ao contrário desta, o território da Maré resultou de diversas intervenções governamentais na sua formação, como a implementação de conjuntos habitacionais.

## **2 AS FAVELAS CARIOCAS**

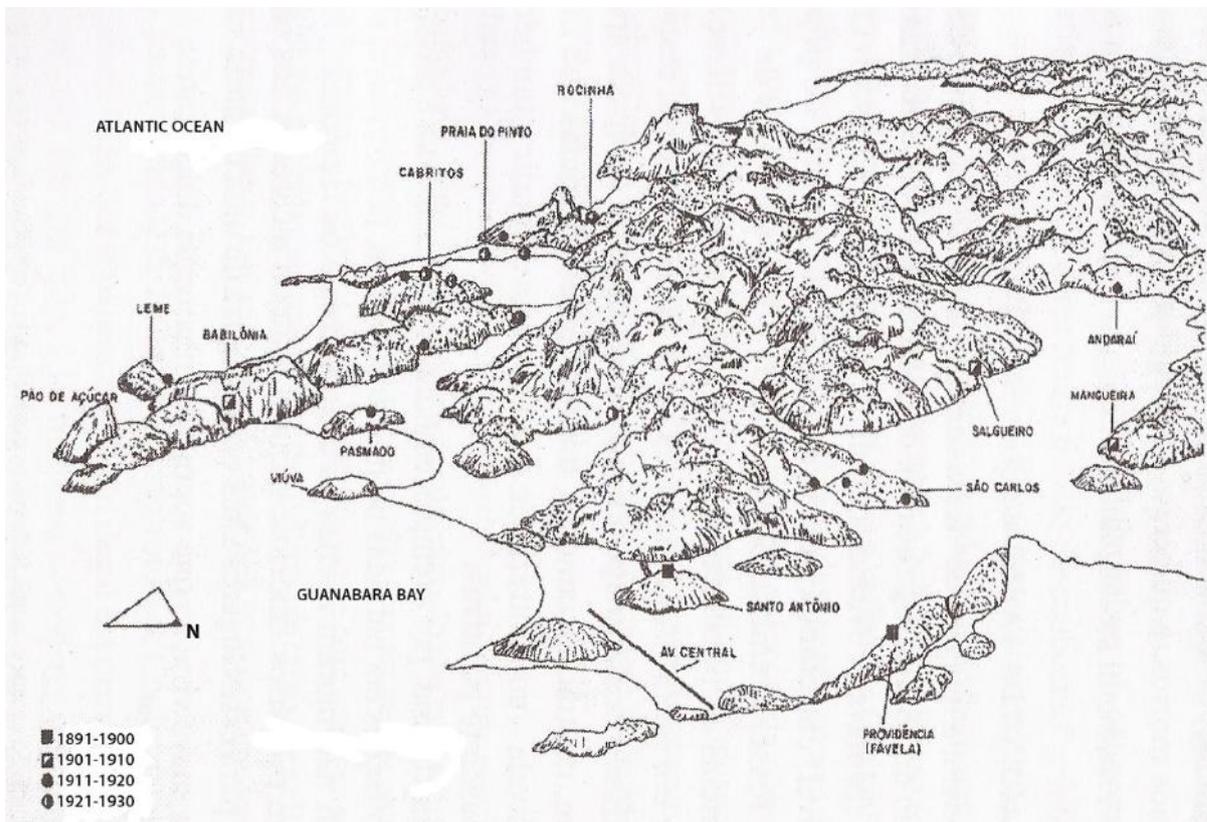
Alguns autores (Silva, 2005; Abreu, 2008) apontam o surgimento das primeiras favelas no fim do século XIX, como o Morro da Favela, hoje chamado de Morro da Providência, e o Morro de Santo Antônio. No entanto, o processo de favelização, que se intensificou na década de 1930, deveu-se sobretudo ao déficit habitacional na cidade. A população crescia de forma desproporcional à oferta de moradia. De acordo com Valladares (2005), "o período de 1890-1906 corresponde

ao início de uma forte crise de moradia: a população do Rio aumentava a uma taxa geométrica anual de 2,8%, (...) e quanto ao total de moradias, ele só aumentava a taxa de 1% ano."

Na década de 1940, a maioria das favelas localizava-se nas proximidades da área central, o que demonstra que a força de trabalho necessitava estar perto dos postos de trabalho. Segundo Mauricio Abreu, há uma forte relação entre a ocupação industrial e o aparecimento das favelas, já que é possível que grande parte dos trabalhadores das indústrias das áreas centrais fossem moradores de favelas. Nas palavras de Abreu,

A importância da localização próxima ao trabalho ficou também evidenciada: 77% dos favelados do centro e 79% daqueles da zona sul trabalhavam na própria zona de residência, percentual que diminuía pra 58% na zona norte e subúrbios. (ABREU, 2008 p. 106)

Figura 1 - Primeiras Favelas do Rio de Janeiro



Fonte: ABREU, 2014, p. 437

Ao se analisar a evolução urbana do Rio de Janeiro fica claro que o processo de urbanização foi sempre marcado pelo lugar da pobreza e o lugar das elites. Abreu nos mostra que a "conservação" da Zona Sul para as elites e a periferia como lugar dos pobres foi "um projeto" que teve o Estado como ator principal. Segundo ele,

(...) a atual estrutura metropolitana do Rio de Janeiro nada mais é do que a expressão mais acabada de um processo de estratificação espacial que vem se desenvolvendo a bastante tempo, mesmo que de forma linear descontínua. Nesse processo, o Estado teve um papel dos mais importantes, pois esteve quase sempre associado à classe dominante, refletindo por conseguinte, o seu interesse, e garantindo ao máximo a rentabilidade de seus investimentos. (ABREU, 2008 p.145).

Na cidade do Rio de Janeiro, as áreas destinadas às elites - a zona sul - destacam-se pelos constantes investimentos em infraestrutura. Podemos supor, então, que a Zona Sul teve o Estado como facilitador desse processo ao investir e reinvestir sempre nessas áreas, onde reside o poder socioeconômico da cidade. Logo, o padrão de investimento centro/periferia foi implantado, de forma que, nas áreas centrais, os investimentos são maiores (pois é um lugar associado à elite). Com isso, os benefícios são desigualmente distribuídos por faixa de renda e localização. As áreas mais nobres, onde habita a população de maior poder político, recebem periódicos reinvestimentos, desviando recursos que deveriam ser para investimento de infraestrutura nas áreas mais pobres. Segundo, Vetter e Massena,

A segregação residencial significa altas concentrações espaciais de poder político econômico. As áreas em que residem famílias com níveis de rendimento mais altos tendem a receber, em termos proporcionais, mais benefícios líquidos das ações do Estado, uma vez que normalmente tem maior poder político. (VETTER e MASSENA, 1982 p. 58).

As favelas se transformam em problema em virtude do discurso técnico-sanitarista que condenava as casas insalubres e a desorganização do tecido urbano, bem como o discurso estético. Dentro dessa perspectiva, surge o discurso de remoção das favelas, sustentado pela visão hegemônica da favela como o lugar da criminalidade, marginalidade e desorganização social (Valladares, 2005).

As favelas sempre estiveram na mira do Estado, que se apropriou de vários discursos para justificar remoções. Desde o discurso técnico-sanitarista até o discurso ambiental, desde a remoção até a urbanização de favelas, o ponto é que algumas áreas dentro de uma mesma favela tendem a se valorizar, o que pode atrair uma população mais abastada, reproduzindo a segregação da escala da cidade

para a escala de uma favela. Observam-se muitos investimentos nessas áreas, desde projetos de urbanização - como o Favela Bairro e o Morar Carioca, até a ação decisiva do Estado no controle do narcotráfico, através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's).

Com efeito, os investimentos na cidade também podem causar impactos nas favelas. Como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e das Olimpíadas de 2016, a cidade do Rio de Janeiro tem recebido diversos investimentos. Esse boom especulativo gera uma bolha imobiliária, como alertou David Harvey (A IMPORTÂNCIA... 2013), fazendo com que a cidade tenha um custo de vida incompatível com a renda de muitos de seus habitantes. Esse processo tem obrigado pessoas e famílias de classe média a procurar alternativas residenciais mais baratas - e muitos acabam voltando seus olhos para as favelas – ou melhor, para algumas zonas dentro delas – como uma solução para a moradia. Assim, uma mesma favela – principalmente uma de grandes dimensões, como o Complexo do Alemão ou a Rocinha – pode ser palco desses dois tipos de movimento, simultaneamente: fronteira do capital e refúgio de uma classe média empobrecida. Segundo pesquisa da FGV (Neri, 2011), o valor dos aluguéis nas favelas cariocas subiu 6,8% mais do que em outras áreas da cidade, entre 2007 e 2009, isto é, após a implementação das Unidades de Polícia Pacificadoras. Esse aumento é maior do que o observado para imóveis com as mesmas características, localizados em outras áreas da cidade. Abramo (1998) aponta os impactos de entrada do mercado imobiliário, de forma que a favela:

deixa de ser solução para os problemas habitacionais das famílias de baixa renda, para se tornar assim como na cidade "legal" num lugar de mercado, que expulsa quem não mais pode arcar com o ônus de sua valorização interna, e atrai população de maior renda vindas de outras favelas, ou até mesmo da cidade formal, excluídas do mercado. (ABRAMO, 1998 p.444)

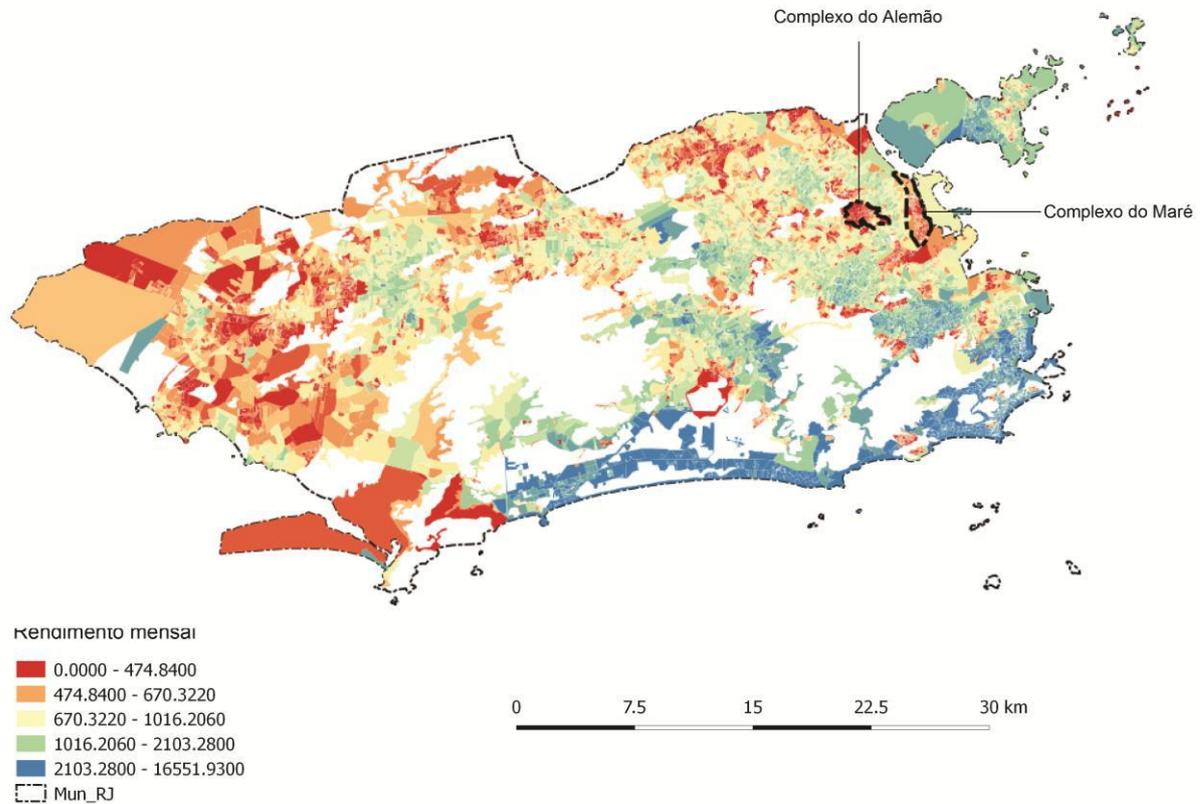
Por tudo isso , se faz necessário compreender a favela como um território complexo e heterogêneo, no qual a estratificação socioeconômica se relaciona com diversos processos mais complexos empreendidos pelo Estado, no qual até as intervenções para melhorias há muito reivindicadas pela população podem se transformar numa forma de remoção.

### 3 A QUESTÃO DA ESCALA

As favelas são diferentes entre si e em si mesmas, por diversos fatores. Além de diferentes entre si, uma favela possui diferenciações dentro de seu próprio território que podem ser de ordens diversas. Os estudiosos das favelas reconhecem essas diferenciações (Nunes, 2007; Alvito, 2001 e Valladares, 2005), apontando que "as favelas apresentam sinais evidentes de heterogeneidade - em sua realidade física, espacial e social" (Valladares, 2005). Nunes (2007) complementa afirmando que "representá-las como um tecido homogêneo e uniforme pode significar um grande reducionismo". Alvito (2001), em sua etnografia sobre a favela de Acari, reconhece ainda dentro de cada localidade "dezenas de microáreas de vizinhanças", estas microáreas "servem de base para representação acerca das diferenças existentes dentro de uma única favela" (Alvito, 2001). Essas colocações apontam para a necessidade de se recorrer a outras escalas para a apreensão da complexidade interna às favelas.

Isso pode ser observado através de um rápido exercício de visualização de dados quantitativos. Na Figura 2, mapeamos a variável "valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com e sem rendimento)" para o conjunto do município do Rio de Janeiro, agregando os dados por setor censitário, através do método quantil.. Visualizados nesta escala, os dados mostram que o Complexo do Alemão e a Maré, com seus limites destacados em preto, são basicamente bolsões de baixa renda. No entanto, quando mudamos a escala e consideramos apenas os dados referentes ao Complexo do Alemão e da Maré – utilizando a mesma técnica estatística de classificação –, obtemos uma imagem bem diferente: um mosaico altamente diferenciado de faixas de renda. Em outras palavras, em outra escala, o território do Complexo do Alemão e da Maré se revelam heterogêneos do ponto de vista socioeconômico.

Figura 2 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com e sem rendimento) para o município do Rio de Janeiro



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

Poderia ter incluído aqui os mapas em escala local, mencionados na frase anterior.

Partindo do pressuposto de que "quando o tamanho muda, as coisas mudam" a escala geográfica apresenta-se como um problema metodológico. Dependendo da escala que se escolhe utilizar serão priorizados alguns fenômenos em detrimento de outros. Assim, a escala será capaz de determinar se um área parece homogênea ou não. Com efeito, "homogeneidade e heterogeneidade resultam da perspectiva de observação, fruto de uma escolha, que deve ser consciente e explicitada" (Castro, 2012).

Desta forma, o Complexo do Alemão e o Complexo da Maré, assim como as demais favelas, ao serem consideradas como uma unidade homogênea passam a "esconder" diversos aspectos que são relevantes para a compreensão do território. Com isso,

A grande maioria das pesquisas realizadas até hoje sobre favela carioca, insiste em considerá-la como espaço típico de concentração de pobreza. Somente um número ínfimo de estudos se volta para a análise de sua estrutura

social, destacando a presença de diversos estratos sociais. (PRETEICELLE e VALLADARES, 1999 p.481).

Para entender a homogeneização, a questão da escala não pode ser dissociada da construção social, da representação social da favela. Precisamos reconhecer que a categoria favela foi construída socialmente como o lugar da pobreza, da marginalidade e da desorganização social. Essa construção foi sendo modificada ao longo das décadas, no entanto, ainda hoje a forma hegemônica de percepção das favelas carrega diversos preconceitos, muitos dos quais são os mesmos símbolos construídos no passado. Sousa e Silva afirma que:

(...) um conjunto de elementos se fundiu para constituir formas hegemônicas de representação das favelas e seus moradores: a sua associação com a pobreza econômica; a falta de formação escolar; a predominância do trabalho manual; o fenótipo dos moradores - em sua maioria pretos ou pardos; a precariedade das moradias, dos serviços e equipamentos urbanos; a origem nordestina, região considerada "problema" no país, a ocupação ilegal de terras; a falta de pagamento de taxas e impostos diversos etc. (SOUZA E SILVA, 2012 p.428)

Segundo pesquisa recente do Instituto Data Popular (Moradores..., 2015), que buscou mostrar a visão dos moradores do asfalto em relação às favelas, nota-se que o preconceito ainda é muito grande. Por exemplo, a pesquisa que consultou 3050 pessoas em 150 cidades do país realizada em janeiro de 2015, aponta que 69% dos entrevistados do asfalto disseram que têm medo quando passam em frente a uma favela e 51% afirmaram que as primeiras palavras que lhes vêm à mente quando ouvem falar de favela são droga e violência.

Podemos argumentar que há uma lenta e gradual mudança na forma estereotipada de representação social das favelas, através do crescente consumo da pobreza principalmente após a implementação das Unidades de Polícia Pacificadoras. No entanto, com estes dados fica claro que essa visão ainda é muito prejudicial aos moradores das favelas, influenciando inclusive na oportunidade empregos para quem vive nesses locais, já que a pesquisa aponta também que 47% dos cidadãos do asfalto nunca contratariam, para trabalhar em sua casa, uma pessoa que morasse em favela.

É preciso ressaltar ainda que, não é possível construir essas representações sem associá-las a uma escala. Em outras palavras, toda representação social do real está vinculada a um território que é definido por uma escala. Se a escala definida muda, a representação do território também muda. Nas palavras de Castro,

(...) a escala é a escolha de uma forma de dividir o espaço, definindo uma realidade percebida/concebida, é uma forma de dar-lhe uma figuração, uma representação, um ponto de vista que modifica a percepção mesma da natureza deste espaço, e finalmente, um conjunto de representações coerentes e lógicas que substituem o espaço observado. (CASTRO, 2012 p.136)

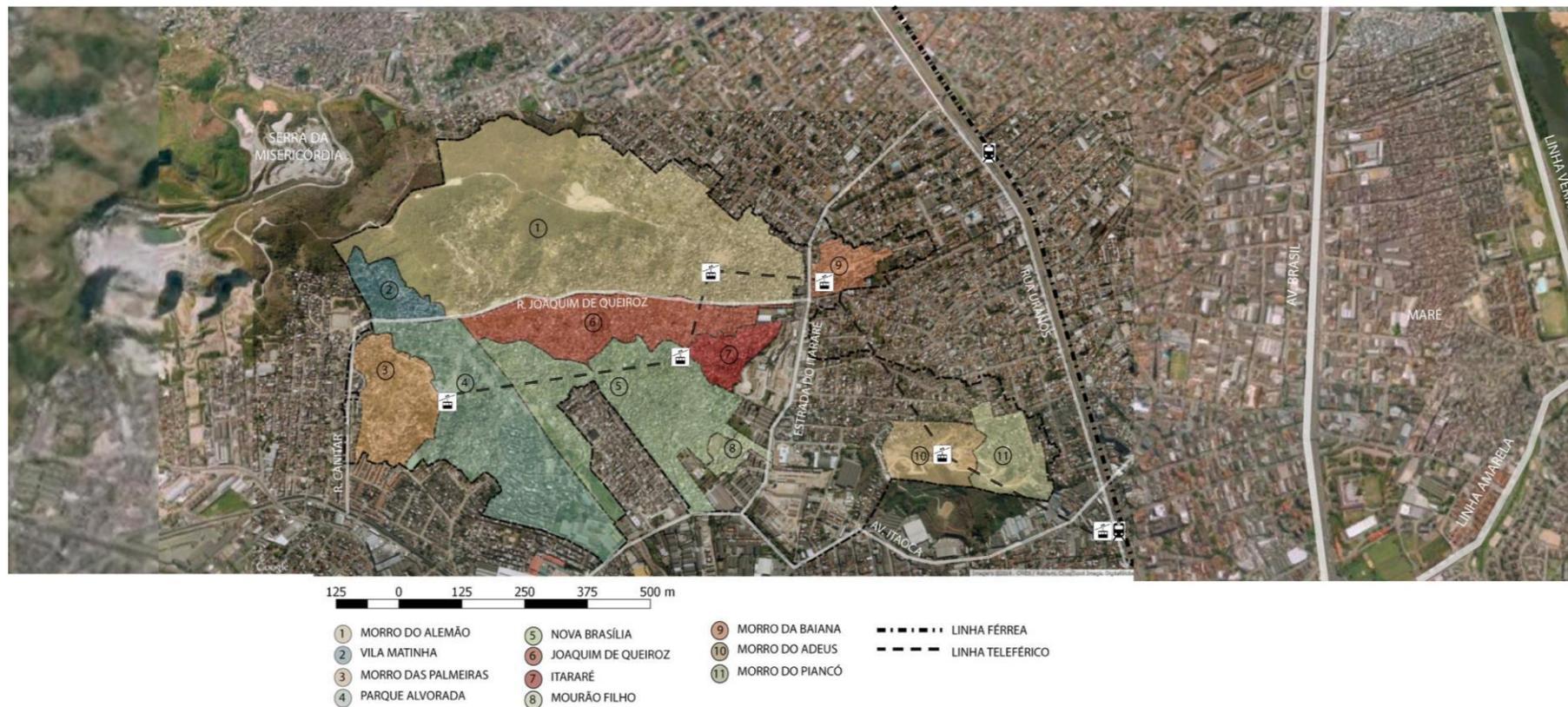
Desta forma, os estudos sobre a complexidade da diferenciação interna das favelas se tornam extremamente relevantes e atuais. Mostrar que a favela possui uma regionalidade interna significa mostrar que se trata de um verdadeiro espaço geográfico – já que não há espaço sem diferenciação. Isto pode contribuir para a construção de uma imagem mais complexa e, portanto, menos facilmente manipulável da favela.

## **4 ÁREA DE ESTUDO**

### **4.1 Complexo do Alemão**

O Complexo do Alemão foi reconhecido como bairro somente no ano de 1993. O bairro Complexo do Alemão está localizado junto a Serra da Misericórdia e é composto por 14 localidades, são elas: Fazendinha, Adeus, Itararé / Alvorada, Engenho da Rainha / Entorno, Palmeiras, Alemão, Baiana, Casinhas, Inhaúma / Entorno, Nova Brasília, Parque Everest, Estrada do Itararé / Entorno, Esperança, Nova Brasília / Entorno, Matinha / Mineiros, Loteamento da Castrol / Entorno, Reservatório de Ramos, Grotta e Esperança / Olaria / Entorno. Mas, segundo o IBGE são considerados aglomerados subnormais (favelas) dentro dos limites do bairro os seguintes: Morro das Palmeiras, Parque Alvorada, Morro do Alemão, Joaquim de Queiroz, Nova Brasília, Mourão Filho, Itararé, Morro da Baiana, Morro do Adeus e Vila Matinha.

Figura 3 - Mapa de Caracterização do Complexo do Alemão



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010

Com cerca de setenta mil habitantes e vinte mil domicílios (IBGE 2010), o Complexo do Alemão pode ser considerado um dos bairros mais carentes da cidade. Segundo dados do Governo do Estado do Rio de Janeiro, o Complexo do Alemão conta com 29% dos moradores vivendo abaixo da linha de pobreza (renda inferior a meio salário mínimo), o menor IDH da cidade do Rio de Janeiro (0,711) e renda per capita de R\$257,00.

Sobre o processo de ocupação histórica do Complexo do Alemão existem poucos estudos. Contudo, uma pesquisa elaborada pelo IPEA (COUTO e RODRIGUES, 2013:7) contém informações importantes acerca deste processo de ocupação no CA. De acordo com ela, o Complexo do Alemão começou a ser loteado na década de 1920 e vendido para os trabalhadores das indústrias que localizavam-se na Zona Norte da cidade. Muitas vezes, a fixação de moradia nas terras do estado ocorreu com autorização informal de seus representantes.

Além disso, este estudo nos mostra que o Complexo do Alemão começou a ser ocupado na sua porção leste (exceto os morros isolados Baiana, Adeus e Piancó), em áreas que correspondiam a fazendas. Desde a década de 1920 havia pequenos produtores rurais. Também nesta época começou a se formar um loteamento urbano no Morro do Alemão, loteado pelo dono das terras, o polonês Leonard Kacsmarkiewez. Os moradores pagavam "aluguel de chão" aos proprietários de terra, prática frequente nas favelas do Rio de Janeiro até meados do século XX. Nas palavras de Couto e Rodrigues,

Pelo menos desde a década de 1920 havia uma população rarefeita, formada por pequenos produtores rurais nas fazenda de Joaquim Leandro da Motta e Camarinha, que ali cultivavam roças e criavam animais. No mesmo período, já estava se formando um núcleo de casebres de feições urbanas na encosta do Morro, no loteamento de Leonard Kacsmarkiewez, e que fazia divisa com as duas fazendas. Estes casebres esparsos nos vales, e o núcleo de casebres no morro, deram origem às favelas da Grota (ou Joaquim de Queiróz) e do Morro do Alemão. (COUTO e RODRIGUES, 2013 p.13)

Podemos concluir que o setor privado incentivou a ocupação desta área, pois se beneficiava diretamente dos alugueis cobrados. No entanto, a partir da década de 1940 a situação muda, pois algumas glebas das fazendas foram vendidas ao IAPC - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes. Este evento marca um aumento populacional significativo e o surgimento das primeiras favelas, pois

(...) as terras do IAPC foram inicialmente ocupadas por pessoas que "tomavam conta da área" a serviço do IAPC ou eram por elas autorizadas a construir habitações, mas já entre fins do 1940 e início dos 1950. esses terrenos foram utilizados como local de "reassentamento" de moradores de favelas filiados ao Instituto, através de "cartas de concessão para moradia". (COUTO e RODRIGUES, 2013 p.21)

Na década de 1950, o trabalho realizado pelo IPEA, aponta que houve muitas "invasões", ou seja, já não se pedia autorização aos moradores mais antigos e nem se fazia uso das cartas. Em 1960, surge a figura das associações de moradores incentivadas pelo Estado, enfatizando inclusive a criação em favelas que não havia. Com o objetivo de ser um canal de diálogo entre Estado e favela, na verdade, foi uma estratégia de controle político das associações para cooptação de lideranças. (Burgos, 2006).

No Complexo do Alemão, as três primeiras associações de moradores criadas no início dos anos 1960 nos Morro do Alemão, Joaquim de Queiróz e Nova Brasília passaram a controlar a ocupação, de forma que regulavam a ocupação da área.

Já a partir dos anos 1980 a região começou a apresentar altos índices de violência e fortalecimento do narcotráfico. Entre os anos 1980 e 1990, há uma maior presença de "grupos paraestatais": os banqueiros do jogo do bicho e os narcotraficantes. As consequências disto são vistas ainda hoje através da privatização das favelas por esses grupos paraestatais e o retraimento do Estado. (Burgos, 2006). Com isso, muitas indústrias fecharam, estimando-se a perda de vinte mil postos de trabalho na região. (Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2010).

A partir de 2008, com recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) foram investidos 721 milhões de reais para melhoria do sistema de infraestrutura urbana, já que o CA não havia sido beneficiado pelos Favela-Bairro 1 e 2. Em 2011, foi inaugurado o Teleférico do Alemão que segundo o Governo do Estado (2010) tinha por objetivo "integrar as zonas mais íngremes e carentes à rede de transporte público da cidade" ligando 5 comunidades com a estação de trem de Bonsucesso. Além disso, foram realizadas obras de infraestrutura, equipamentos públicos e moradias (para realocar moradores que tiveram suas casas removidas em função das obras). No mesmo ano, o Governo do Estado apresenta uma nova "solução" para o problema do narcotráfico e de segurança, as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP).

De fato, a mobilidade melhorou, pelo menos para os morros em que foram implantadas as estações. Ao chegar até a estação de Bonsucesso pode ser feita a integração com o modal trem ou ônibus.

Em 2010, o CA foi retratado ao mundo de forma emblemática quando o Exército Nacional ocupou seu território, com imagens da fuga espetacular de traficantes, veiculada na mídia nacional e internacional em tempo real. Lá, permaneceu por dois anos até o estabelecimento da UPP. Essa concentração de investimentos desde a ordem de infraestrutura até segurança teve impactos no setor imobiliário, fazendo com que o aluguel aumentasse mais do que em outras áreas da cidade. (Neri, 2011).

#### **4.2 Complexo da Maré**

O bairro da Maré, reconhecido no ano de 1994, possui em seus limites 16 localidades, são elas: Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Conjunto Marcílio Dias, Parque Maré, Parque Roquete Pinto, Parque Rubens Vaz, Parque União, Nova Holanda, Praia de Ramos, Conjunto Esperança, Vila do João, Vila do Pinheiro, Conjunto Pinheiro, Conjunto Bento Ribeiro Dantas ou "Fogo Cruzado", Nova Maré e Salsa e Merengue. Os limites do bairro coincidem com a Avenida Brasil a oeste, a Linha Vermelha e o canal do Cunha a leste. Além disso, o bairro é cortado pela Linha Amarela que o divide em duas parcelas claramente distintas.

Segundo o Censo do IBGE de 2010 a população total do bairro é de 129.770 habitantes, abrigados em 43.038 domicílios. Possui o IDH de 0,722, que é um pouco mais alto que o do CA, mas ainda assim está bem abaixo da média do município do Rio de Janeiro que é de 0,799. Utilizaremos os dados do IBGE que considera como favelas ou aglomerados subnormais<sup>1</sup> 12 localidades, como pode ser visto na figura 4.

---

<sup>1</sup> É o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características abaixo: - irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou - carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública). Referência: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf> - Acessado em 20/03/2015.

Figura 4 - Mapa de Caracterização do Complexo da Maré



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

Há diversos trabalhos que pretendem contar como se deu o processo de ocupação histórico da Maré. Talvez o primeiro ponto que devemos destacar é que diferentemente do CA, que teve uma ocupação "espontânea"<sup>2</sup>, a Maré contou com

<sup>2</sup> O termo "espontânea" encontra-se entre aspas pois como já dito anteriormente, o Complexo do Alemão não contou como um medida oficial do Estado no seu processo de ocupação. No entanto, teve este processo facilitado por pessoas ligadas ao IAPC (Instituto de Aposentadorias e Pensões

diversas intervenções do Estado na sua formação, de forma que 9 das 16 favelas resultam de programas habitacionais implantados em diversos momentos da história "abrigoando tipologias arquitetônicas variadas conforme o gosto do momento de suas implantações" (Nunes, 2007).

A ocupação na Maré foi um pouco mais tardia do que no CA, talvez por ser uma área de mais difícil ocupação ainda, já que anteriormente era uma área constituída por vários mangues e brejos. O início da ocupação na Maré foi na década de 1940 e com a implantação da Avenida Brasil em 1946 - que concentrava postos de trabalho nas indústrias que a margeavam - intensificou-se a ocupação. O núcleo original era formado por seis comunidades: Morro do Timbau (1940), Baixa do Sapateiro (1947), Parque Maré (1953), Parque União (1961), Rubens Vaz (1961) e Nova Holanda (1962). Nunes (2007) aponta que as favelas mais consolidadas são o Timbau, o Parque União e Rubens Vaz.

A ocupação que começou no Morro do Timbau em 1940 foi espontânea e explorada pelos militares que na época cobravam "taxas de ocupação" que acabavam por "legitimar o assentamento de várias famílias no morro". (Berenstein, 2002). Na Baixa do Sapateiro que tem sua ocupação datada de 1947, os moradores foram "atraídos pelos novos acessos, expulsos pelas desapropriações das ilhas, ou ainda seduzidos pela proximidade do local de trabalho, como no caso dos operários da obra da cidade universitária." (Berenstein, 2002). Essas foram as primeiras ocupações do CM, assim também como o Parque Maré que começou a ocupação na década de 1950.

A favela Nova Holanda teve uma ocupação completamente diferente das descritas anteriormente, pois em 1960, no governo Carlos Lacerda, foi planejada e construída pelo poder público seguindo orientações modernistas. Não pode ser considerada um conjunto habitacional, pois foi projetada para ser um Centro de Habitação Provisória, no entanto, foi se favelizando ao longo dos anos.

Outra intervenção importante no CM data de 1982 através do Projeto Rio. Essa intervenção removeu as palafitas existentes e construiu aterros e produziu moradias para reassentamento dos antigos moradores no local, em bairro batizado de Vila do João. Vale a pena ressaltar que o Projeto Rio foi a uma das últimas tentativas do governo militar de angariar a simpatia de moradores das favelas e

intelectuais descontentes com a condução dos programas de remoção que caracterizam o período da ditadura militar. (Nunes, 2003)

Já a Vila do Pinheiro foi construída na época do Projeto Rio também através de um aterro e posteriormente foi construído um conjunto habitacional nesta área, conhecido como Salsa e Merengue para abrigar antigos moradores das palafitas. Em frente ao Conjunto Pinheiro foi construído o Conjunto Bento Ribeiro Dantas na década de 1990, conhecido também como "Fogo Cruzado". Os moradores desse último conjunto foram transferidos de outras favelas que não podiam ser urbanizadas pelo Programa Favela-Bairro. (Berenstein, 2002)

As favelas do CM são muito diferentes entre si pois resultaram de "planejamentos distintos: morros, aterros, beira de canais, ruas planejadas, becos labirínticos, barracos, casas ou prédios." (Berenstein, 2002). Ainda sobre a diferença entre as favelas, Berenstein afirma:

Uma grande gama de formas espaciais pode ser encontrada na Maré, uma gradação que vai por exemplo, dos estreitos becos labirínticos do Morro do Timbau às ruas mais amplas e lineares da Nova Holanda, das habitações fragmentárias da Baixa do Sapateiro até os prédios modernistas do Conjunto do Pinheiro. As diferentes comunidades são tão distintas como os diferentes bairros de uma cidade formal e chegam a ter identidades próprias, que constituem todas juntas a cultura multifacetada da Maré. (BERENSTEIN, 2002 p.22)

O CM apesar de ser delimitado por várias vias apresenta uma integração quase nula com a cidade formal e seu entorno imediato. No limite com a Linha Vermelha foram colocadas grades que buscam "invisibilizar" a favela. Nunes destaca que da praça do Valão em Nova Holanda

avista-se com nitidez a Linha Vermelha ou as edificações situadas na Ilha do Fundão, com a nítida impressão (verdadeira) que esta Linha Vermelha encontra-se a mais ou menos a duas quadras de distância e pode ser vencida facilmente a pé. É possível avistar os automóveis passando em alta velocidade, podendo-se reconhecer com facilidade marcas e cores. Entretanto, a experiência de estar na Praça do Valão e desejar ir para o Fundão mostra o condicionamento da noção de distância a fatores subjetivos: os obstáculos e impedimentos dispostos nos espaços entre estes dois lugares impedem o acesso à Linha Vermelha / Ilha do Fundão e estendem a distância real de cerca de duas quadras, a vinte minutos de percurso por automóvel! (NUNES, 2007 p.14)

## 5 ESTRATIFICAÇÃO SOCIOESPACIAL INTERNA

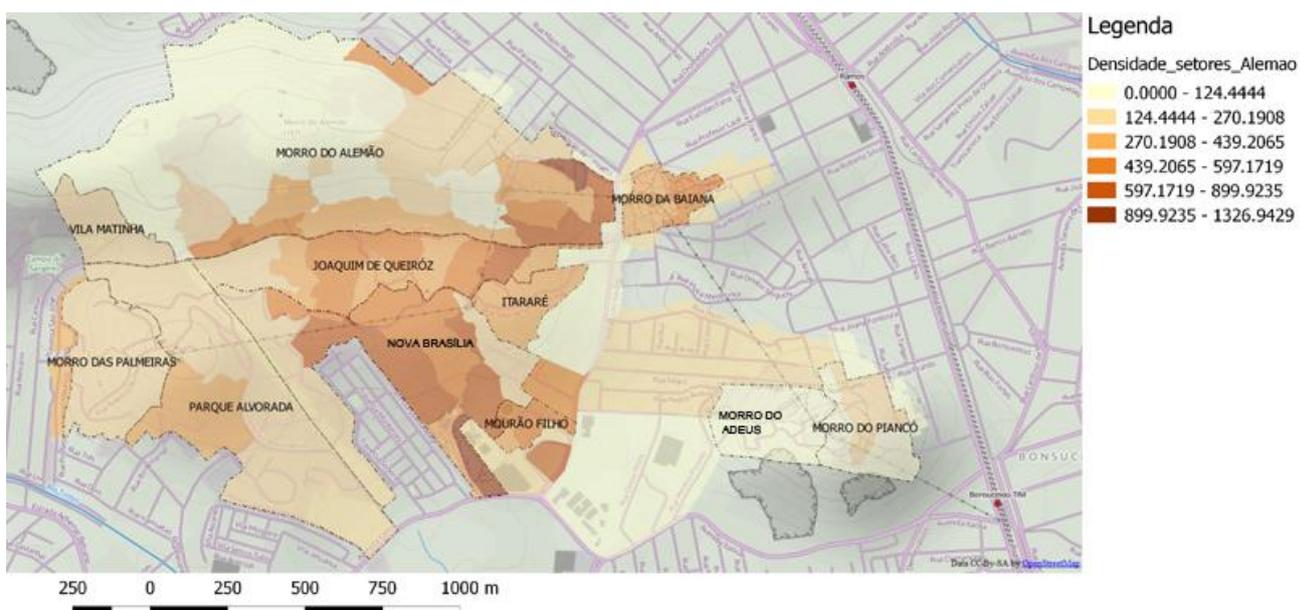
O trabalho que seguirá a partir de agora será de análise dos dados de rendimento, infraestrutura, densidade, cobertura vegetal etc, com vistas a mapear a diferenciação socioeconômica dentro dos limites do CA e do CM. Os dois bairros foram comparados buscando evidenciar as diferenciações entre eles.

### 5.1 Densidade Populacional

#### 5.1.1 Complexo do Alemão

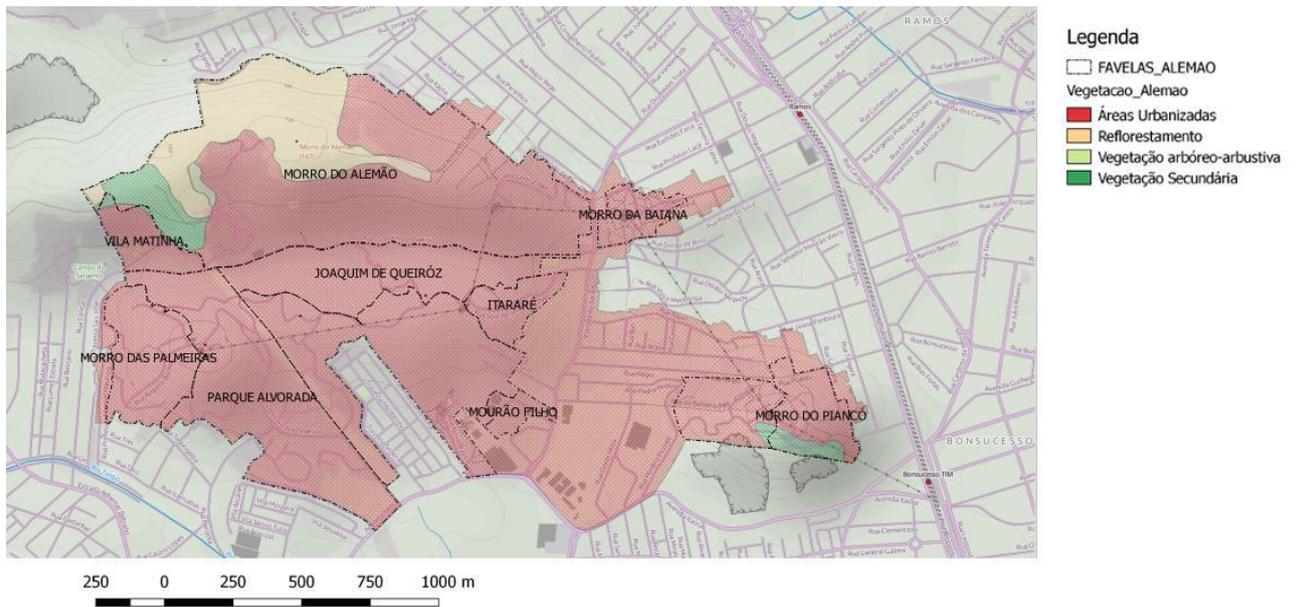
Para as análises referentes à densidade populacional utilizamos os dados de densidade do IBGE, com a técnica estatística denominada "quebras naturais" com seis classes. As favelas do CA possuem uma ocupação muito densa ultrapassando 1200 habitantes por km<sup>2</sup>. Comparando os dados de densidade com a topografia, é notável que as áreas menos densas estão nas encostas mais íngremes, sobretudo as do Morro do Alemão, onde é mais difícil e mais arriscado construir habitações. Neste morro há um projeto de reflorestamento da prefeitura, uma área a ser plantada de 28,5 hectares como pode ser visto na figura 6. Destacam-se como áreas menos densas as encostas altas do Morro do Alemão na área que localiza-se próximo a Serra da Misericórdia.

Figura 5 - Mapa de densidade demográfica do Complexo do Alemão



Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010

Figura 6 - Mapa da cobertura do solo para o Complexo do Alemão



Elaboração própria utilizando dados PCRJ/ 2011.

Já as áreas mais densas coincidem com os centros de bairro, como por exemplo o caso da Rua Nova Brasília - rua conhecida pelo comércio. A favela Nova Brasília, se comparada com as outras favelas do CA pode ser considerada a mais densa. Além dela, destaca-se a favela Joaquim de Queiroz e a porção leste do Morro do Alemão - áreas onde surgiram as primeiras ocupações.

Figura 7 - Foto do comércio da Rua Nova Brasília



Fonte: O Globo

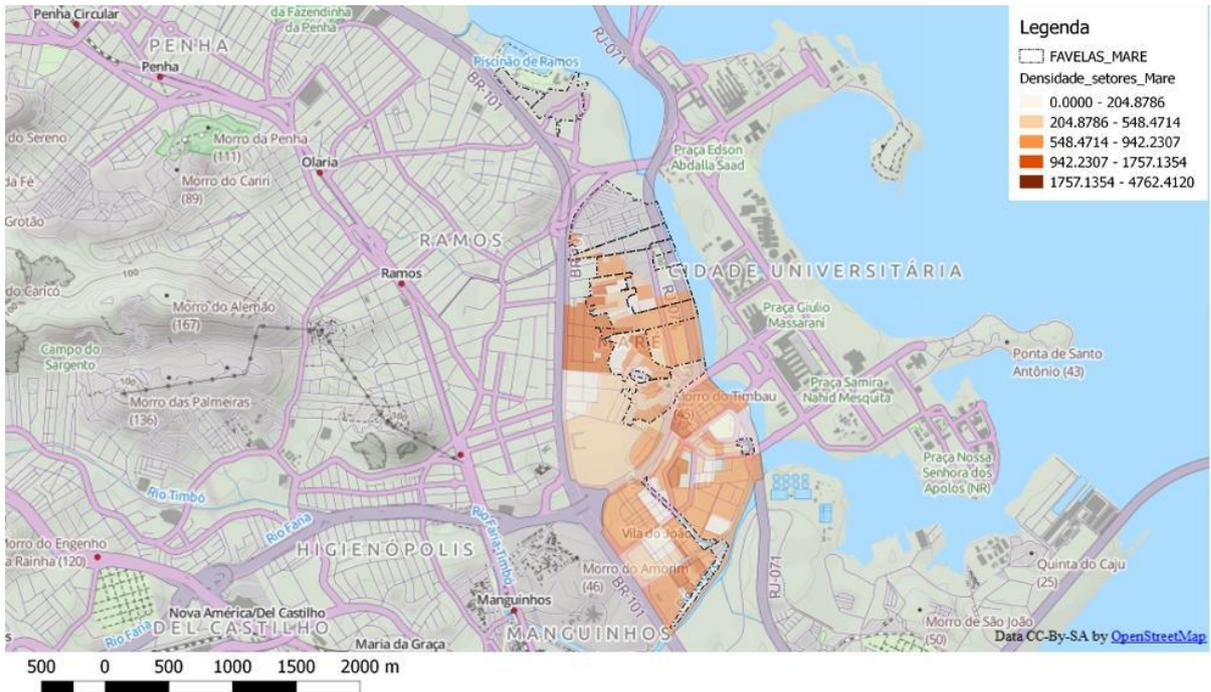
Na rua Joaquim de Queiroz, que marca os limites do Morro do Alemão com a Favela Joaquim de Queiroz, é possível notar uma mancha mais densa de ocupação na direção das duas favelas. Esta rua que se estende cortando todo o CA, também é um centro de bairro importante para esta área, pois possui edificações mais consolidadas e um grande comércio na extensão da rua. Além disso, essa rua é um vale, o que pode ter favorecido a ocupação na sua extensão.

#### 5.1.2 Complexo da Maré

Para as análises referentes a densidade populacional utilizamos os dados de densidade do IBGE, com a técnica estatística denominada "quebras naturais" com seis classes. As favelas do CM possuem uma ocupação ainda mais densa que o CA ultrapassando 1700 habitantes por km<sup>2</sup>. O IBGE não fornece os dados de todo bairro da Maré, dificultando um pouco a compreensão do território, como pode ser visto na figura 8, a porção norte da área não pode ser mapeada.

Podemos verificar, no entanto, que a parte menos densa corresponde a uma área militar nas margens da Avenida Brasil e a frente do Conjunto Bento Ribeiro Dantas. A parte mais densa corresponde a porção acima da área militar que também é tangenciada pela Avenida Brasil. Percebe-se aqui uma diferença em relação ao CA, onde os setores mais densos são as áreas favelizadas de ocupação mais antiga. A área mais densa não é considerada aglomerado subnormal pelo IBGE. Excetuando esses dois casos, o CM parece ter uma densidade regular, com a maioria dos setores na faixa média de 550 a 950 habitante por km<sup>2</sup>.

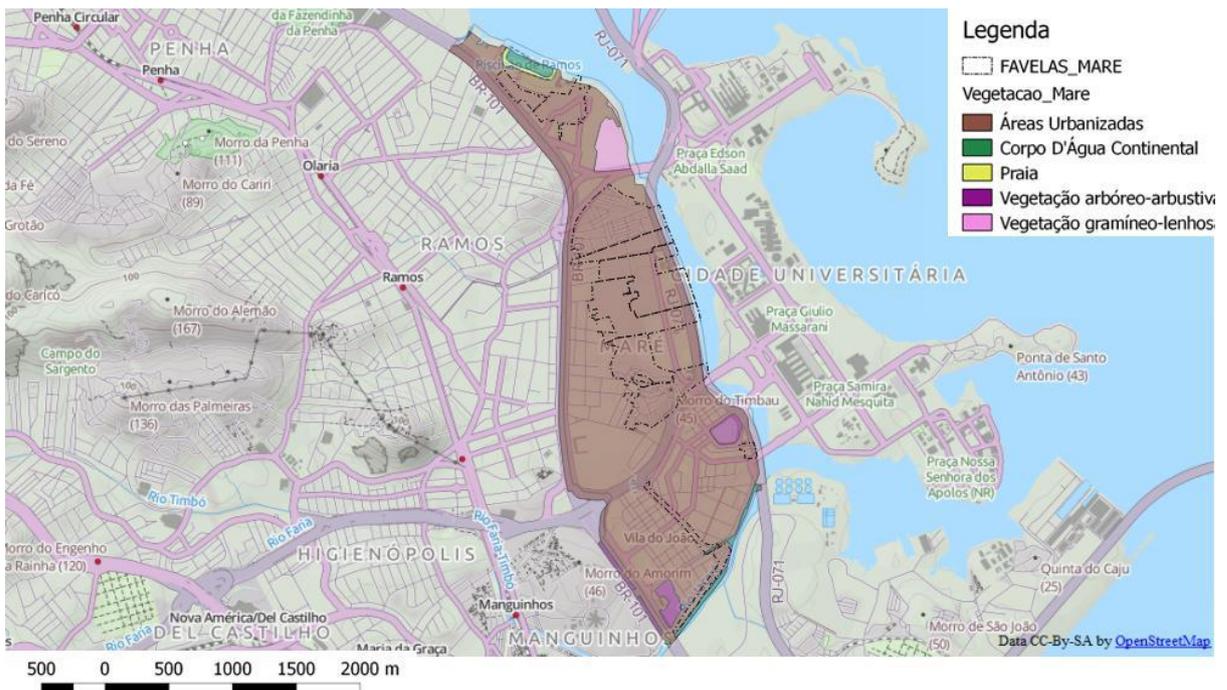
Figura 8 - Mapa de densidade demográfica do Complexo da Maré.



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

As análises da cobertura do solo mostram que quase a totalidade do bairro é considerado área urbanizada, excetuando uma pequena porção norte que corresponde ao *Piscinão de Ramos*, como por ser visto na figura 9.

Figura 9 - Mapa da cobertura do solo para o Complexo da Maré



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do PCRJ/2011.

## 5.2 Rendimento

### 5.2.1 Complexo do Alemão

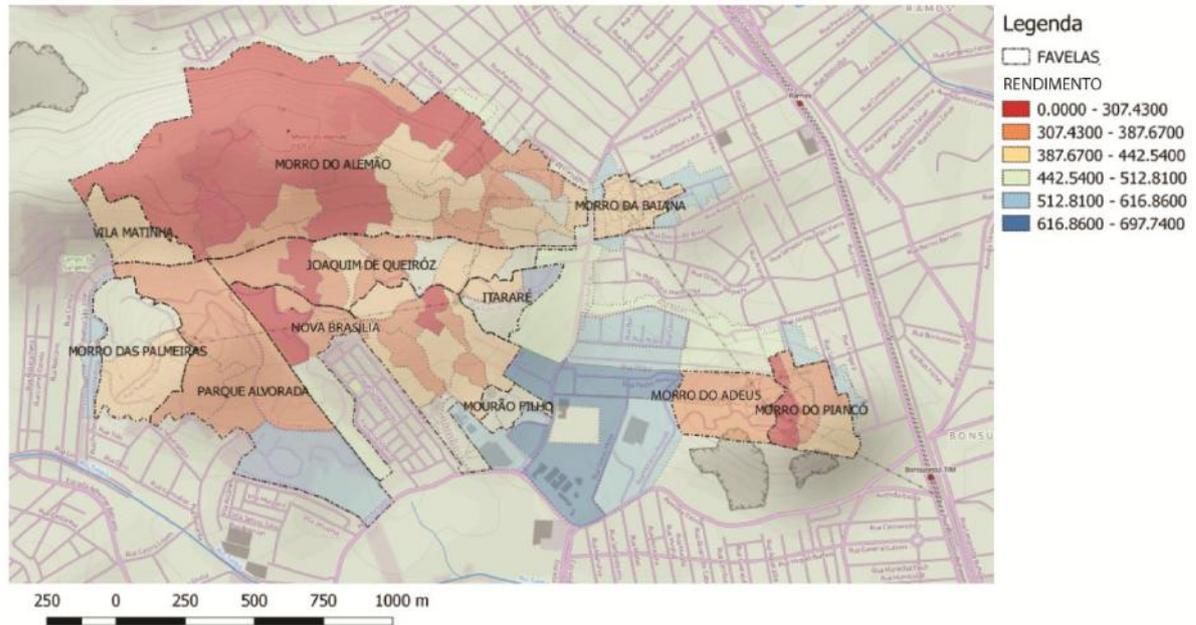
Para o mapeamento da renda foi utilizada a variável "Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanente (com e sem rendimento)" utilizando a técnica estatística de "quebras naturais" em seis classes, como pode ser visto na figura 10.

Através do mapeamento do valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes do bairro do CA, notamos a grande variação de renda. Apesar de ser predominantemente uma área de baixa renda, o Complexo do Alemão apresenta uma alta variação interna.

De acordo com este mapa, é notável que as áreas com maior renda dentro do bairro do Complexo do Alemão são as áreas não consideradas aglomerados subnormais pelo IBGE e coincidem com a proximidade das áreas planas e da cidade formal. Nas áreas consideradas aglomerados subnormais observamos que as favela Mourão Filho e Itararé possuem uma renda mais alta se comparada com as outras.

Podemos notar que a área de mais baixa renda está localizada no Morro do Alemão, com alguns fragmentos em outras áreas. É possível fazer uma relação com a declividade do terreno, posto que o Morro do Alemão tem parte de suas ocupações localizadas acima da cota 100. Estas ocupações são mais precárias do ponto de vista da infraestrutura, como será mostrado adiante, sendo áreas que possuem uma renda mais baixa, além de serem encostas de mais difícil ocupação e localizarem-se próximo a Serra da Misericórdia.

Figura 10 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com e sem rendimento) para o Complexo do Alemão



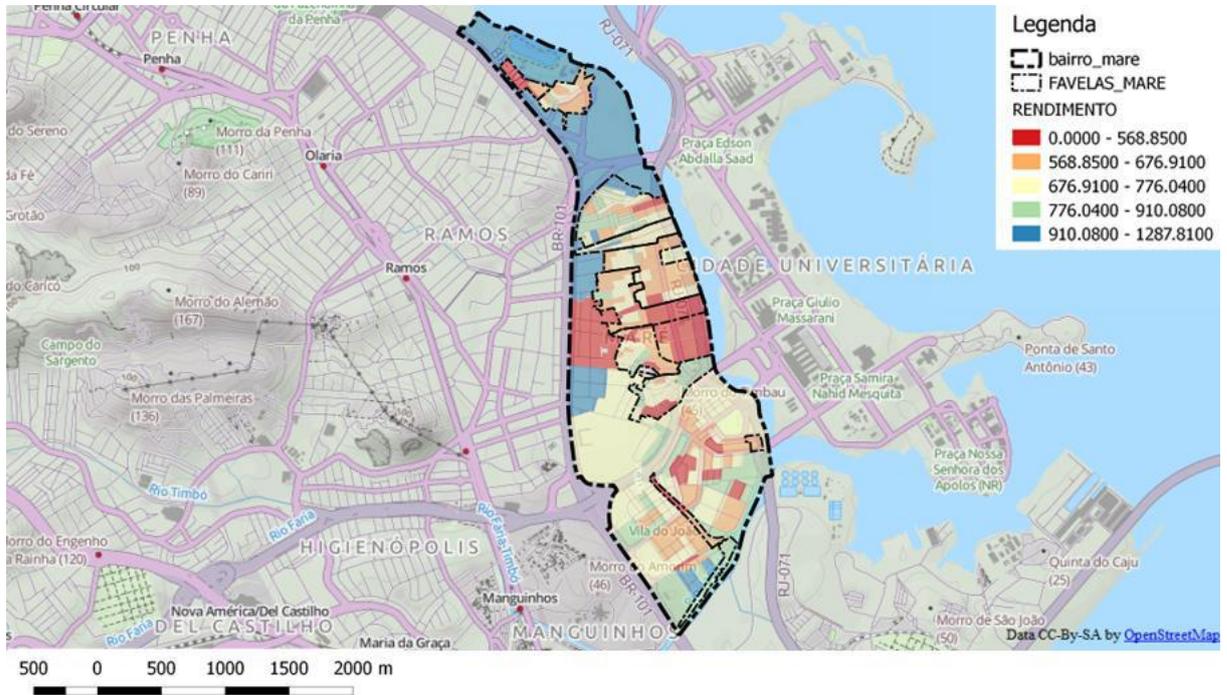
Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

### 5.2.2 Complexo da Maré

Para o CM também foi utilizada a variável "Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanente (com e sem rendimento)" utilizando a técnica estatística de "quebras naturais" em seis classes, como pode ser visto na figura 11.

Assim como no CA, a Maré também se mostra muito heterogênea do ponto de vista da renda. Observamos que a porção sul abaixo da delimitação da Linha Amarela tem alguns pequenos pontos de renda mais baixa, que coincide com o Conjunto Pinheiro. Na parte central do bairro, é notável que há uma área de baixa renda que coincide com o limite do aglomerado subnormal a porção leste do Parque Maré e a porção sul do Timbau. Mas, aqui também percebemos uma grande diferença em relação ao CA. As duas grandes áreas de menor renda no CM não são considerados aglomerados subnormais pelo IBGE - porção leste que faz limite com a Baixa do Sapateiro e porção oeste que faz limite com a Baixa do Sapateiro e Parque Maré.

Figura 11 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com e sem rendimento) para o Complexo da Maré



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

## 5.3 Infraestrutura

### 5.3.1 Complexo do Alemão

No que se refere à infraestrutura, iremos utilizar os dados do IBGE do censo 2010, relativos as variáveis de esgoto, coleta de lixo, energia elétrica e abastecimento de água.

Os dados relativos ao abastecimento de água no CA apontam para que toda a área do bairro enquadra-se na faixa de 80-100% quando a variável é "domicílios particulares permanentes com abastecimento de água da rede geral".

Em relação aos dados de esgoto, utilizamos a variável "Domicílios particulares permanentes com banheiro de uso exclusivo dos moradores ou sanitário e esgotamento sanitário via rede geral de esgoto ou pluvial" classificados em 5 classes utilizando o método de intervalo igual.

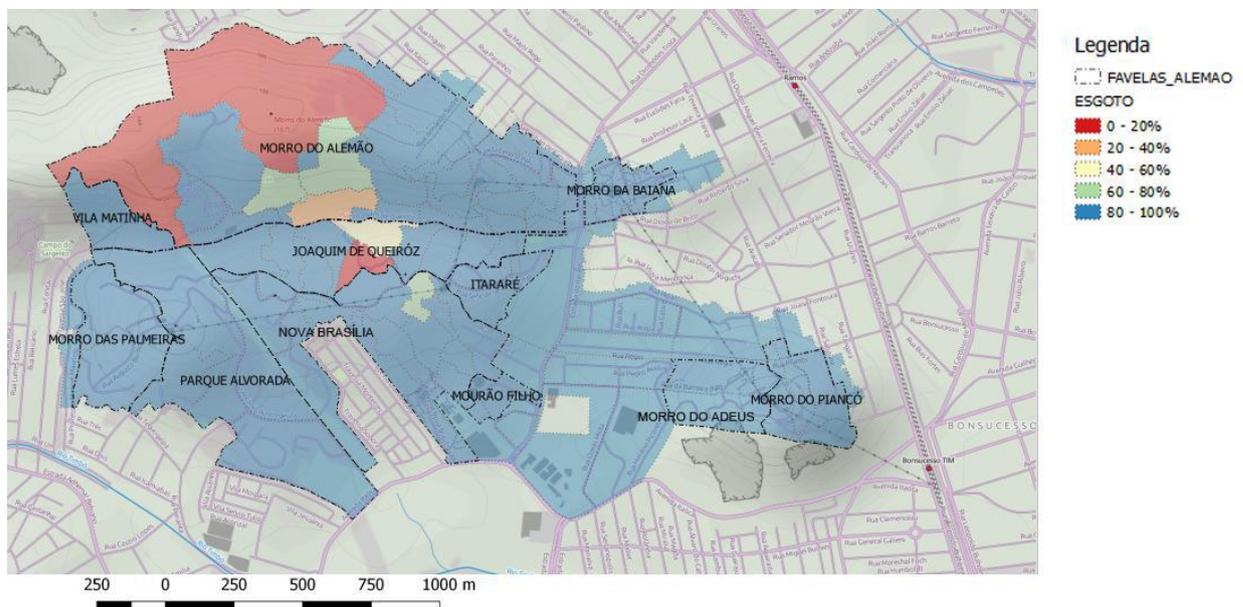
Logo, de acordo com o mapa da figura 12, observamos como é distribuído o esgotamento sanitário via rede geral de esgoto nos domicílios particulares permanentes. É notável que segundo os dados o CA tem uma predominância na

faixa de 80 a 100% de esgotamento sanitário ligado a rede geral. No entanto, chama a atenção que o setor censitário ao norte do Morro do Alemão esteja na faixa de 0 a 20%. Este setor tem seus limites coincidentes com a Serra da Misericórdia e apresenta habitações mais precárias. Comparando com o mapa de rendimento mensal, observamos que esta área coincide com uma das áreas de mais baixa renda do CA.

O outro setor também localizado ao sul do Morro do Alemão e faz limite com a Joaquim de Queiroz apresenta índices muito baixos também, estando na faixa de 20 a 40%. Esta área destaca-se também por possuir uma renda mais baixa, segundo mapa xx. Mais ao centro do CA, na favela Joaquim de Queiroz também encontramos um setor mais precário e também coincide com uma área de baixa renda.

Este cruzamento das informações de renda com infraestrutura é relevante neste estudo, pois ajuda a compreender de que forma os investimentos são distribuídos no CA.

Figura 12 - Domicílios particulares permanentes com banheiro de uso exclusivo dos moradores ou sanitário e esgotamento sanitário via rede geral de esgoto ou pluvial.



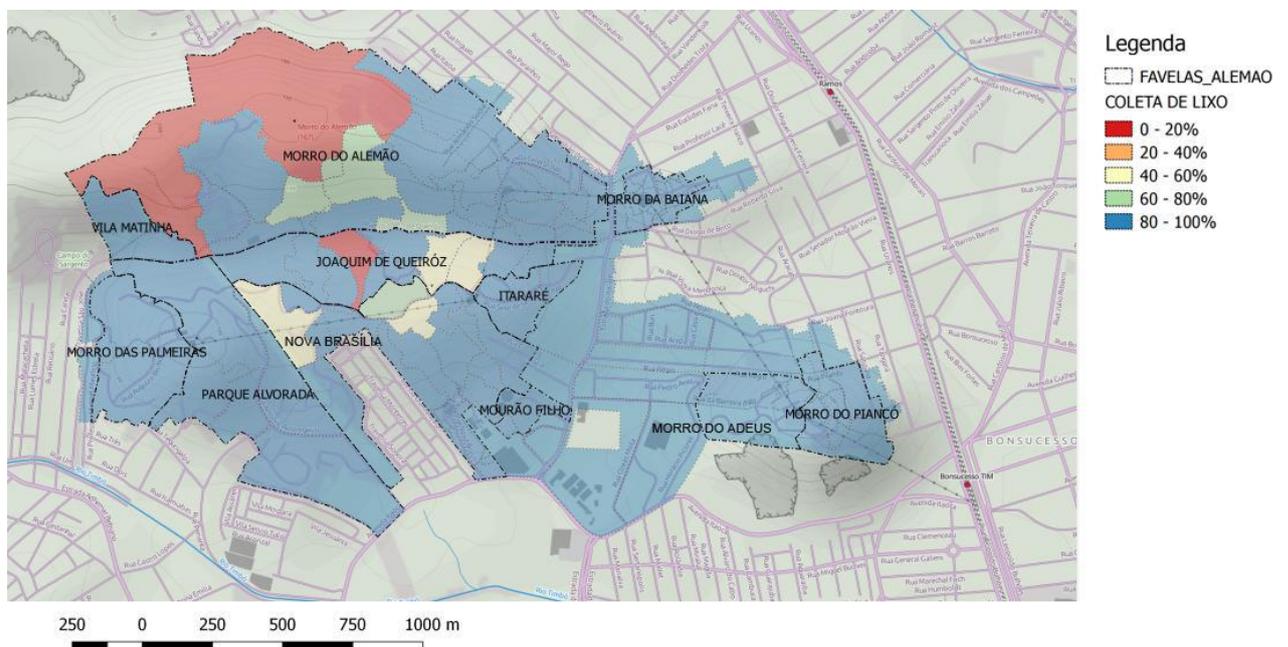
Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

A próxima análise feita é relativa ao lixo. O IBGE oferece diversas variáveis relacionadas a coleta de lixo. Neste trabalho optamos por utilizar duas delas, a primeira refere-se aos domicílios particulares permanentes com lixo coletado e a

segunda aos domicílios particulares permanentes com lixo coletado pelo serviço de limpeza, ou seja, pela concessionária. Em ambos utilizamos o método estatístico de intervalo igual divididos em cinco classes.

De acordo com o mapa as figura 13 que nos mostra o percentual de "Domicílios particulares permanentes com lixo coletado" , notamos que mais uma vez o setor ao norte do Morro do Alemão se mostra mais precário em relação a infraestrutura, coincidindo com a análise anterior sobre esgotamento sanitário. Além deste, destaca-se também outro setor da favela Joaquim de Queiroz, ambos apresentam um índice de 0 a 20% de coleta de lixo.

Figura 13 - Domicílios particulares permanentes com lixo coletado.



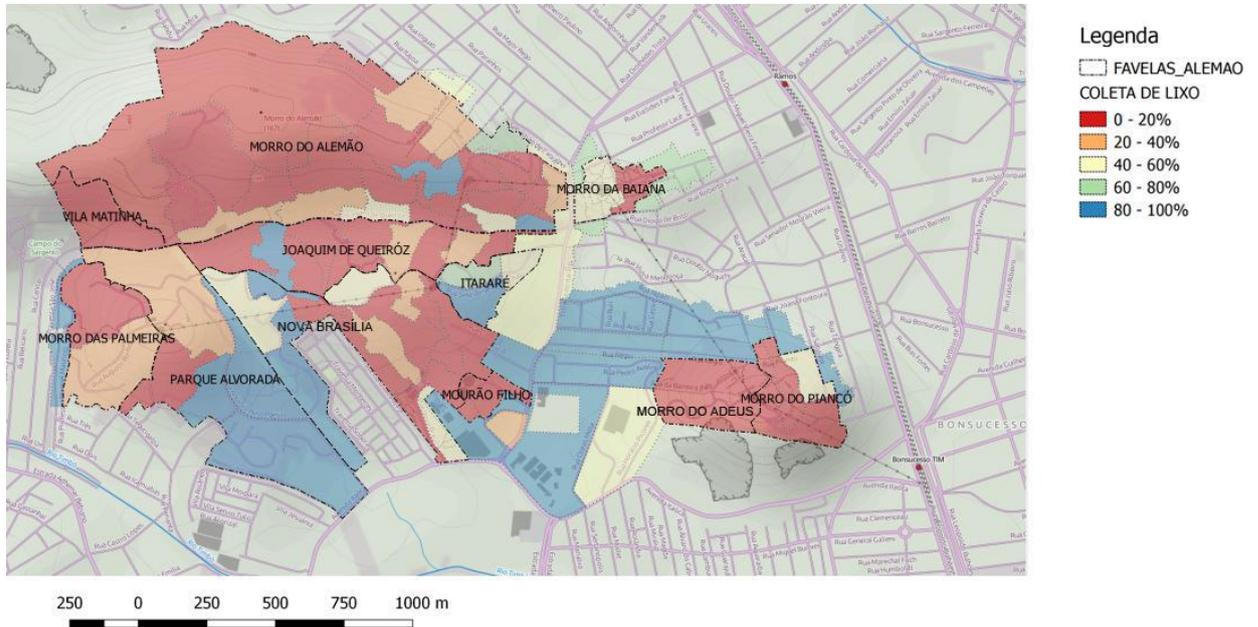
Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

No entanto, se considerarmos a variável relativa à coleta de lixo pelo serviço de limpeza, observamos uma mudança relevante no padrão. Observamos no mapa da figura 14 que quase todas as áreas consideradas aglomerados subnormais pelo IBGE apresentam índices muito baixos de coleta de lixo pela concessionária, sendo predominante a faixa de 0 a 20%. Enquanto isso, esta análise nos mostra que os setores não considerados favela estão em sua maioria na faixa de 80 a 100%.

O Morro do Alemão se mostrou o mais heterogêneo, pois enquanto apresenta índices bem baixos na maioria dos seus setores, mostra também alguns setores com boa coleta de lixo pela concessionária. Observamos que estas áreas índice de

coleta mais baixo coincidem com as áreas de cota mais alta e mais íngremes do CA, muitas vezes áreas que não podem ser acessadas pelos veículos de coleta.

Figura 14 - Domicílios particulares permanentes com lixo coletado pelo serviço de limpeza

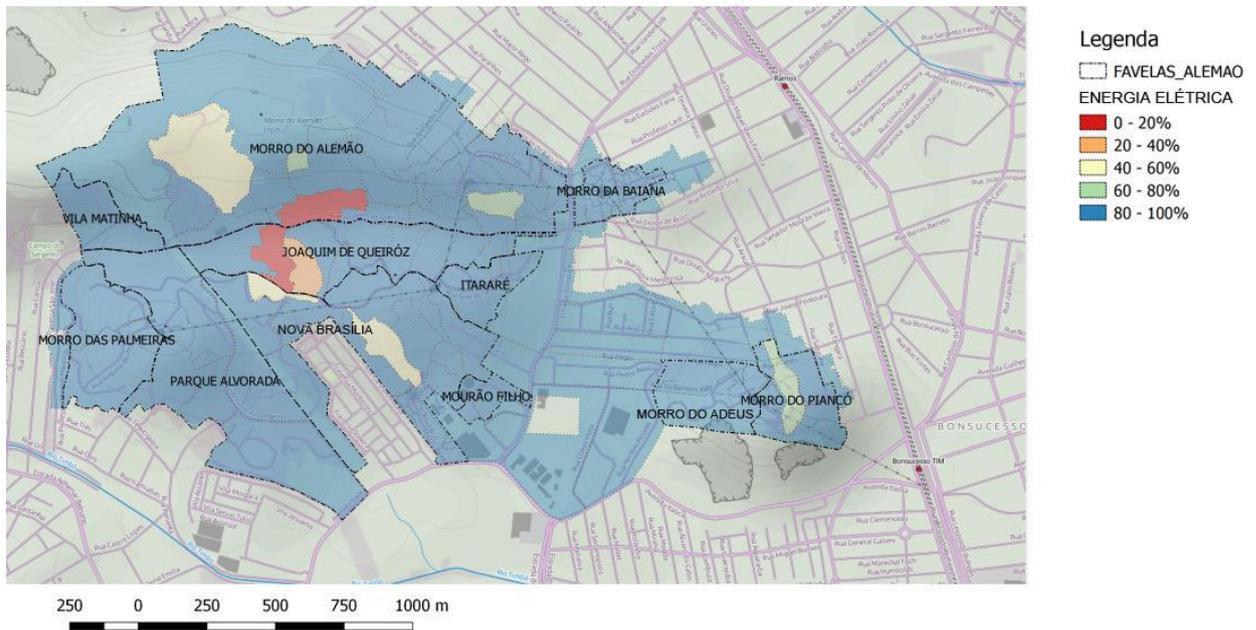


Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

Para as análises referentes ao fornecimento de energia elétrica utilizamos duas variáveis. A primeira refere-se ao percentual de "Domicílios particulares permanentes com energia elétrica" e a segunda ao percentual de "domicílios particulares permanentes com energia elétrica de companhia distribuidora". O mapeamento foi feito com 5 classes de intervalos iguais.

Os dados referentes a energia elétrica apontam que quando a variável é "Domicílios particulares permanentes com energia elétrica" todo o bairro encontra-se na faixa de 80-100%. Quando perguntados sobre a fonte da energia, ocorrem algumas mudanças. Ou seja, quando a variável é distribuição de energia pela companhia um setor da Joaquim de Queiroz e outro setor do Morro do Alemão apresentam o índice de 0 a 20% de "domicílios particulares permanentes com energia elétrica de companhia distribuidora", destoando consideravelmente dos outros setores do CA.

Figura 15 - Domicílios particulares permanentes com energia elétrica de companhia distribuidora



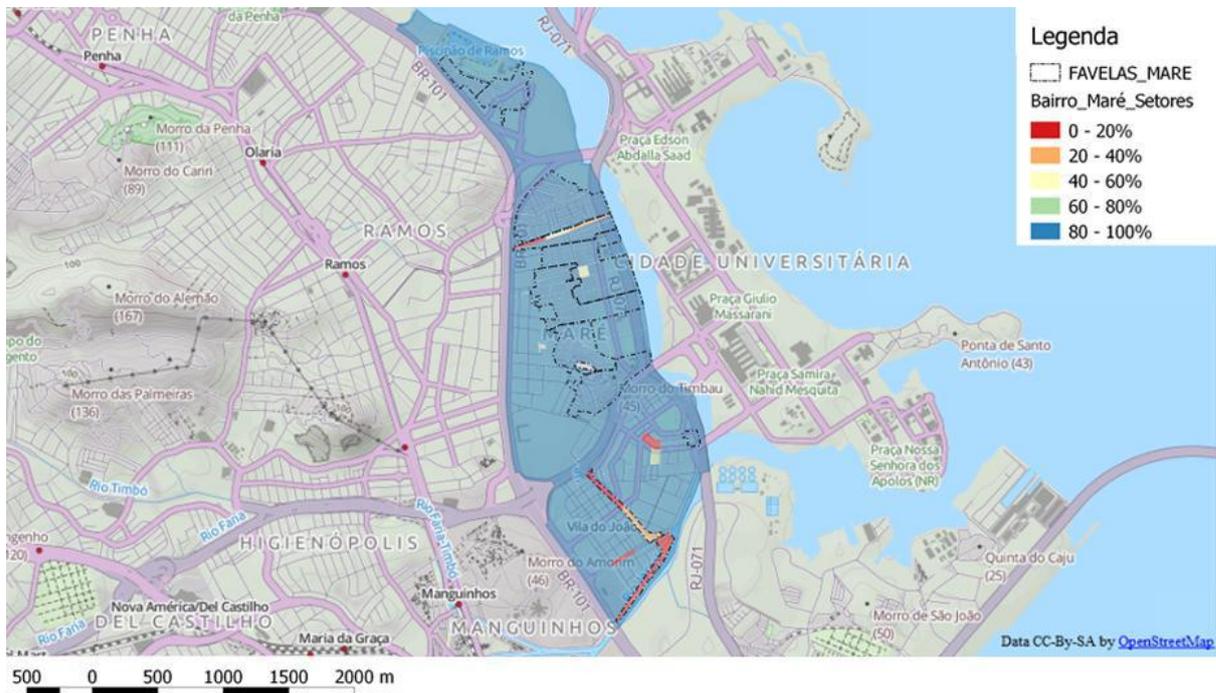
Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

### 5.3.2 Complexo da Maré

As análises de infraestrutura feitas para o CM mostraram poucas diferenciações internas, como mostraremos a seguir. Todas as análises utilizaram o método estatístico de intervalo igual divididos em cinco classe.

A primeira análise referente à ligação das casas a rede geral de esgotamento sanitário mostra que quase a totalidade do bairro tem boa infraestrutura de esgoto (80-100%), excetuando pequenas áreas, como na parte sul nas áreas da Avenida do Canal e Pata Choca. Na porção norte há uma pequena área na Major Rubens Vaz que também possui uma infraestrutura ruim (0-20%). No entanto, esses setores são pouco importantes para análise porque representam uma porção muito pequena de área, não sendo muito significativos para este estudo.

Figura 16 - Domicílios particulares permanentes com banheiro de uso exclusivo dos moradores ou sanitário e esgotamento sanitário via rede geral de esgoto ou pluvial.



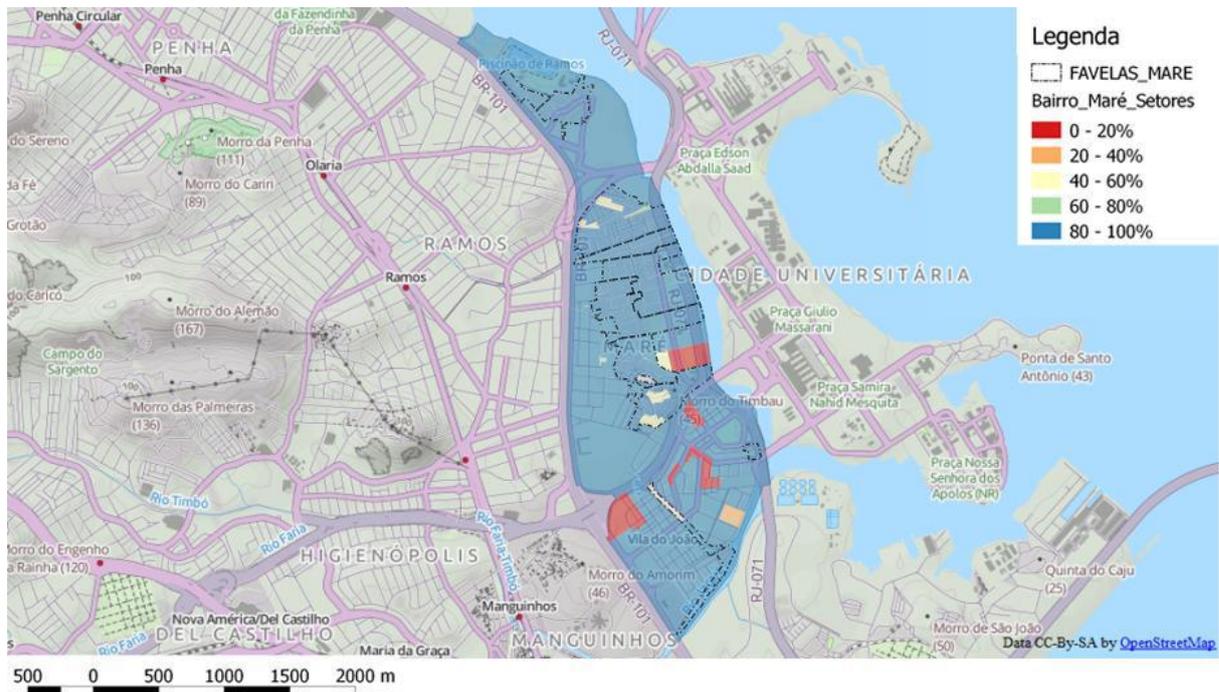
Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

A próxima análise feita é relativa ao lixo. Assim como no CA analisamos duas variáveis, a primeira refere-se aos domicílios particulares permanentes com lixo coletado e a segunda aos domicílios particulares permanentes com lixo coletado pelo serviço de limpeza, ou seja, pela concessionária. Na primeira análise que se refere ao percentual de domicílios com lixo coletado todos os setores enquadraram-se na classificação de 80-100%, ou seja possuem boa coleta de lixo.

No caso da segunda análise que mostrava o percentual de domicílios com lixo coletado pelo serviço de limpeza, assim como no CA, houve uma variação, como pode ser visto na figura 17. Mesmo assim, também são pouquíssimas as áreas que tem uma coleta de lixo ruim pelo serviço de limpeza.

Ao comparar com o CA percebemos uma grande diferença, refere-se ao fato de a coleta ruim não coincidir com os limites dos aglomerados subnormais, ou seja, a maioria das favelas estão enquadradas na faixa de 80-100% que representa uma boa coleta de lixo pela concessionária.

Figura 17 - Domicílios particulares permanentes com lixo coletado pelo serviço de limpeza.



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do IBGE do Censo de 2010.

No que se refere as análises de energia elétrica quando a variável é "Domicílios particulares permanentes com energia elétrica de companhia distribuidora" também não são percebidas diferenciações internas, ou seja, todo o bairro encontra-se na faixa de 80-100%.

## 6 CONCLUSÃO

A princípio, seria de se esperar que, devido ao seu processo histórico de ocupação mais variado, o Complexo da Maré apresentasse um maior nível de diferenciação interna. No entanto, o que observamos é que o Complexo do Alemão é muito mais heterogêneo dentro de seus próprios limites. As análises aqui apresentadas nos fornecem a visão de que o CA é estratificado espacialmente principalmente quando comparamos os aglomerado subnormais com a cidade formal. Mas, mesmo que direcionemos nosso olhar apenas para as favelas, observamos a complexidade de sua estratificação que vai desde renda até infraestrutura.

A Maré mostrou-se mais estratificada com relação a renda, mas ainda assim apresentou-se um pouco diferente do Complexo do Alemão. No CA as áreas de mais baixa renda coincidem com os limites dos aglomerados subnormais, enquanto os outros setores censitários do bairro apresentam uma renda maior. No CM não conseguimos identificar um padrão tão claro, pois as áreas de baixa renda estão não só nos aglomerados subnormais, mas também nas áreas não consideradas favelas.

No Alemão observamos um padrão bem claro, as áreas de mais baixa renda são as áreas mais precárias com relação a infraestrutura, enquanto na Maré não podemos dizer o mesmo. A Maré sequer apresenta uma área com infraestrutura ruim em todas as dimensões, as áreas vão mudando em função das variáveis, de forma que não há uma área que possua uma infraestrutura precária em vários quesitos, enquanto no Alemão observamos que há essa área - o Morro do Alemão.

Apesar disso, a Maré está longe de ser considerado um território homogêneo. Apesar de não termos conseguido identificar grandes diferenciações com relação a infraestrutura, sabemos através das diversas pesquisas que se debruçaram sobre a Maré que ela é uma área bastante heterogênea do ponto de vista social, como por exemplo da origem de seus habitantes.

Outro ponto importante a destacar é que as áreas mais valorizadas (onde os moradores tem maior renda) situam-se próximas as áreas de maior circulação da cidade. Tanto no Alemão como na Maré, quanto mais próximo à Avenida Brasil, melhor o bairro e na medida em que a ocupação se afasta, o local apresenta os

piores resultados. Podemos relacionar a isso o processo de ocupação, visto que a ocupação 'espontânea' tem início nos locais mais próximos à 'cidade' e, com o tempo, vão se afastando em busca de novas frentes de ocupação.

Posto isto, tanto o CM quanto o CA não admitem ser representados como um território sem diferenciações. Ainda que muito preliminarmente, as nossas análises mostram como uma favela é um mundo em seus próprios termos. Sobretudo as favelas maiores e os complexos de favelas, como o CA, são verdadeiros espaços geográficos, mosaicos de condições e modos de vida diferenciados. Como bem expressa um dos termos em inglês (*shanty towns*), as favelas são como vilas ou pequenas cidades, ou pelo menos possuem uma complexidade socioespacial comparável. A partir desse entendimento, concluímos que as políticas públicas devem ser pensadas de acordo com a especificidade de cada território, não admitindo que se reproduzam modelos de uma mesma política para lugares extremamente heterogêneos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. ; FARIA, T. C. . **Mobilidade Residencial Na Cidade do Rio de Janeiro: Considerações Sobre Os Setores Formal e Informal do Mercado Imobiliário**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11, 1998. ANAIS. CAXAMBU.

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução Urbana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

ABREU, Maurício de Almeida. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. In: FRIDMAN, Fania; HAESBAERT, Rogério (orgs.). **Escritos sobre espaço e história**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. p. 421 - 450.

A importância da Imaginação Pós-Capitalista. Original em: David Harvey interview: The importance of postcapitalist imagination. **Revista Fórum**, 26 de agosto de 2013.. Disponível em < <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/08/david-harvey-importancia-da-imaginacao-pos-capitalista//>> Acesso em 13 jan. 2014.

ALVITO, Marcos. **As Cores de Acari: Uma Favela Carioca**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BERENSTEIN, Paola; VARELLA, Drauzio; BERTAZZO, Ivaldo. **Maré, vida na favela**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

BURGOS, Marcelo Bauman. Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: Alvito, Marcos & Zaluar, Alba (orgs). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CASTRO, Iná Elias. O problema da escala. In CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COUTO, Patrícia Brandão e RODRIGUES, Rute Imanishi. **A gramática da moradia no complexo do alemão**. Rio de Janeiro: IPEA, 2013.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

Governo do Estado do Rio de Janeiro. **Complexo do Alemão: Relatório do Plano**

**de Desenvolvimento Sustentável** - Caderno de Resultados. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. 1ª Ed, São Paulo: Francisco Alves, 1960.

Moradores do asfalto têm visão preconceituosa em relação a favelas. **Carta Capital**, 16 de fev. de 2015. Disponível em <[http://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradores-do-asfalto-tem-visao-preconceituosa-em-relacao-a-favelas-4298.html?utm\\_content=buffer905f2&utm\\_medium=social&utm\\_source=twitter.com&utm\\_campaign=buffer](http://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradores-do-asfalto-tem-visao-preconceituosa-em-relacao-a-favelas-4298.html?utm_content=buffer905f2&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer)> Acesso em 24 fev. 2015.

NERI, Marcelo Côrtes. **UPP e a Economia da Rocinha e do Alemão: Do Choque de Ordem ao de Progresso**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.

NUNES, Julieta. **Apontamentos sobre a Maré: Uma Compreensão**. In ACSELRAD, Henri. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais - v.9, n.1, 2007.

O' HARE, Greg; BARKE, Michael. **The favelas of Rio de Janeiro: A temporal and spatial analysis**. Netherlands: GeoJournal, 2003.

PRETEICELLE, Edmond; VALLADARES, Licia. **Impactos metropolitanos da reestruturação: Desigualdades Sociais e governança urbana**: IPPUR, 2009.

SMITH, Neil. **The new urban frontier: gentrification and the revanchist city**. New York: Routledge, 2005.

SILVA, Jaílson de Souza e. As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios para as favelas cariocas. In: Mello; Machado da Silva; Luna Freire; Simões (orgs). **Favelas cariocas: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

SILVA, Maria Laís Pereira da. **Favelas cariocas, 1930-1964**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VETTER, David Michael; MASSENA, Rosa Maria. Quem se apropria dos benefícios líquidos dos investimentos do Estado em infra-estrutura? Uma teoria de causação

circular. In: MACHADO DA SILVA, Luís Antonio (org.) **Solo urbano. Tópicos sobre o uso da terra. 2.** Ed. Rio de Janeiro: Zahar.